

SEM CULPA, NEM DESCULPA!

MULHERES LIVRES DA VIOLÊNCIA



A Marcha Mundial das Mulheres luta para mudar a vida das mulheres e para mudar o mundo em um único movimento. A luta para que as mulheres vivam sem violência é fundamental para essa mudança que queremos.

A violência machista é um mecanismo de controle e de poder dos homens sobre as mulheres. Essa violência é resultado de um sistema de dominação masculina. Em nossas ações, queremos ecoar nossas vozes para dizer: **“violência contra as mulheres: sem culpa, nem desculpa!”** Não somos as culpadas pela violência contra nós e não há desculpa para justificar a agressão dos homens.

Milhares de mulheres organizadas em grupos e movimentos de mulheres lutam contra a violência machista todos os dias. **O feminismo questiona a desigualdade que trata as mulheres como inferiores e subordinadas aos homens. Antes do feminismo, a violência era vista como algo natural, que fazia parte do jeito de ser dos homens e que as mulheres deviam apenas conseguir evitar. Houve muita mobilização, estudo e denúncia para que a violência fosse reconhecida como um problema que precisa acabar. Lutamos para conquistar políticas públicas e ações concretas da sociedade para combater a violência,** como a punição dos agressores, o atendimento e cuidado das mulheres que sofrem violência. Nosso desafio é construir força política para acabar com a violência. É por isso que lutamos contra as causas da violência: **contra o racismo, o machismo e a lesbofobia.**



MULHERES EM MOVIMENTO

O feminismo é parte das resistências que hoje ocupam as ruas, os roçados e as redes em todo o Brasil.

As mulheres vão para as ruas defender a democracia. Denunciam a misoginia, ou seja, as atitudes de ódio às mulheres, disseminadas nos meios de comunicação e cada vez mais na internet. As mulheres ocupam as escolas em defesa da educação. Enfrentam o racismo. Defendem seus territórios e modos de vida frente ao avanço da mineração, do agronegócio e das empresas transnacionais que contaminam a água, a terra e os alimentos. Defendem a igualdade, a autonomia e a liberdade de todas mulheres.

A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ESTÁ EM TODOS OS ESPAÇOS

A violência contra as mulheres ocorre em todos os lugares da sociedade onde há homens e mulheres, seja em casa, nas ruas, no transporte, no trabalho ou nas redes sociais. E atinge as mulheres de todas as idades, raças e classes sociais.

A violência contra as **mulheres negras** é maior pelo racismo que estrutura a nossa sociedade. Os dados mostram que a violência contra as mulheres negras fez mais vítimas fatais do que contra as mulheres brancas. As **mulheres lésbicas** sofrem violência porque questionam e desafiam a heteronormatividade que organiza as famílias e instituições. A heteronormatividade é uma regra imposta pela sociedade, que empurra mulheres e homens a terem apenas relações heterossexuais. A sociedade machista não aceita que as mulheres vivam sua sexualidade de forma livre e responde a isso com violência. A violência contra as **mulheres indígenas** se combina com a violência capitalista que as expulsa dos seus territórios.

As violências física e sexual são mais visíveis, mas não são as únicas.

Há outras formas veladas, silenciosas e mais naturalizadas, como por exemplo a desqualificação das mulheres que atuam em espaços públicos, políticos e de poder, a violação à privacidade, xingamentos, assédios, violência nas redes sociais e outras formas de violência psicológica.

Por isso, hoje muita gente reconhece que **a violência não pode mais ser considerada parte do destino das mulheres.** Também se reconhece que a violência contra as mulheres é um crime. Depois de muita luta do movimento feminista, hoje a violência machista é reconhecida como uma construção social que vem das relações de poder dos homens sobre as mulheres, o que chamamos de dominação patriarcal.

A VIOLÊNCIA MACHISTA É PARTE DE UM MODELO DE OPRESSÃO DAS MULHERES: O PATRIARCADO

A relação de poder que os homens exercem sobre as mulheres está baseada na crença de que há uma superioridade masculina e uma fragilidade feminina. Essa relação de poder trata os homens como sujeitos sociais e as mulheres como meros objetos ao seu dispor. Trata-se de uma relação de poder que impede a autonomia das mulheres e gera a violência machista.

Somos consideradas objetos de posse, e, portanto, inferiores e descartáveis. Além disso, se constrói uma visão de que as mulheres – seu corpo e seu trabalho – estão disponíveis para os outros. **Por isso afirmamos que o patriarcado é um sistema no qual o conjunto dos homens tem privilégios e mais poder com a subordinação das mulheres.** Os homens individual e coletivamente controlam o corpo, o trabalho e a sexualidade das mulheres.

A dominação patriarcal tem a ver com o controle dos nossos comportamentos, dos espaços que frequentamos, do trabalho que fazemos. É também o controle e a repressão que atacam, física e sexualmente, as mulheres que estão em luta, resistindo politicamente em seus territórios. A violência é uma forma de controle que afeta o conjunto das mulheres pelo medo, que impede nossa liberdade.

O patriarcado está totalmente articulado com o racismo e o capitalismo. Isso significa que esses sistemas precisam uns dos outros para se sustentar.

As mulheres são exploradas de maneira diferenciada no capitalismo: **recebem menos para cumprir as mesmas tarefas.** E estão concentradas nos empregos menos valorizados, com menos direitos, e com muita responsabilidade e sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidados. Entre o conjunto das mulheres, são as mulheres negras que recebem menos e estão nos trabalhos menos valorizados.

QUEM COMETE A VIOLÊNCIA?

A violência é praticada por homens de todos os setores da sociedade, em um exercício de poder e de controle. Os chefes praticam a violência e o assédio sexual para subordinar ainda mais as trabalhadoras. Professores universitários reconhecidos desqualificam e assediam as estudantes.

Nas periferias das cidades brasileiras, já marcadas pela violência policial que assassina jovens negros, as mulheres também sofrem violência. Não há Estado que as proteja, já que o Estado é quem pratica a violência contra a



população pobre, negra, periférica. **Sabemos que a impunidade é uma realidade, mas também sabemos que existe no Brasil uma justiça seletiva, que pune apenas os setores pobres e negros da sociedade.**

A violência é uma forma de controlar as mulheres, de disciplinar os nossos corpos e de manter a situação de desigualdade que beneficia os homens e as elites na nossa sociedade.

AUTONOMIA PARA SAIR DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA

A dependência afetiva e financeira fragiliza ainda mais as mulheres. Os homens tendem a ser mais violentos quando percebem que as mulheres estão sem amor-próprio. **A baixa auto-estima não é um problema individual de cada mulher, pois é provocado de diferentes formas pela sociedade e inclusive pelos homens com os quais as mulheres se relacionam** - quando eles fazem críticas, humilham, demonstram incômodos, dizem que elas estão inadequadas etc. Isso está ligado ao fato de que **a violência não é um ou mais episódios de agressividade, mas a construção de uma relação que vai aumentando o seu nível de violência.**

Os meios de comunicação e de circulação de ideias tratam a violência como um acontecimento localizado ou extremo. Escondem que a violência é uma realidade em todos os lugares.

Um dos jeitos mais comuns de suavizar o machismo (responsável pela violência) é dizer que os homens que praticam violência são doentes, ou que praticam violência porque sofreram violência na infância. Essa é mais uma desculpa que não justifica a violência. As meninas também sofrem violência na infância

e não exercem violência contra os homens. Essa visão justifica a necessidade de tratamento dos homens enquanto abandona, julga e culpa as mulheres.

É comum que as mulheres sejam questionadas por se manter em relações onde os homens praticam violência contra elas. **A forma como as mulheres são socializadas nesse sistema patriarcal faz com que sejam ensinadas a serem dóceis e frágeis e a obedecer aos homens, seja o pai ou marido.**

Isso tem a ver com a ideia de que as mulheres são dependentes dos homens, que as mulheres precisam encontrar um homem para se casar, ter filhos e assim ser completa. E quando as mulheres não se adequam a esse formato ainda são questionadas, julgadas e cobradas.

A ideia de que as mulheres são dependentes dos homens é muito forte e não é verdade. **Quando olhamos para a realidade, vemos muitas mulheres que são responsáveis sozinhas pelo sustento da sua casa, dos seus filhos e de quem mais depender delas.** Mesmo quando os homens são os que recebem salários maiores ou tem remuneração permanente, o sustento da família, dos homens e o próprio funcionamento da economia dependem das mulheres e do trabalho doméstico e de cuidados, que é realizado por elas todos os dias.

Mesmo assim, as mulheres ainda são estimuladas a sonhar com um homem que vá protegê-las por toda a vida, como os príncipes dos contos de fadas.

É comum ouvir das mulheres, inclusive jovens, que seus namorados e maridos não as deixam fazer uma coisa ou outra. **As situações de violência podem vir mascaradas de proteção e**



Elaine Campos

amor. O ciúme é expressão do controle e começa com “pequenas” proibições, como pintar as unhas, usar batom, e vai avançando para roupas, estudos, convivência com amigos e família e até a proibição de trabalhar. Ser responsável pelos filhos, não ter independência econômica e nem serviços públicos de qualidade também dificultam as mulheres na hora de tomar e sustentar uma decisão.

A experiência das mulheres é de resistência. Por isso defendemos que para enfrentar a violência, as mulheres precisam de apoio para fortalecer sua autoestima e sua capacidade de decidir os rumos de sua vida. A autonomia econômica é uma condição importante para garantir que suas decisões sejam levadas a frente.

RESPOSTAS À VIOLÊNCIA: NOSSAS CONQUISTAS E OS LIMITES

O reconhecimento da violência contra as mulheres como um problema que precisa ser combatido avançou no Brasil, em leis como a **Lei Maria da Penha** e o reconhecimento do **feminicídio**. Com a criação da **Secretaria de Políticas para as Mulheres**, no governo Lula, o Estado passou a ter mais condições de organizar as políticas de enfrentamento à violência, como através do Pacto Nacional de Enfrentamento à Violência. Algumas prefeituras e governos estaduais começaram a atuar junto ao governo federal para organizar as políticas de acolhimento das mulheres vítimas de violência, as casas de passagem e centros de referência. Como parte da luta das mulheres trabalhadoras rurais, na **Marcha das Margaridas**, foram criadas políticas como as unidades móveis e fóruns de debate sobre

os desafios para o enfrentamento à violência no campo.

A ampliação das políticas públicas continua sendo um grande desafio, e enfrenta vários limites. Um deles é a continuidade da impunidade dos assassinos de mulheres. O movimento de mulheres denuncia a injustiça presente toda vez que um homem permanece impune, ao justificar sua violência como um “crime passional”.

A luta das mulheres é pelo fim da violência, que não acontece apenas com uma ou outra mulher, mas organiza toda a nossa sociedade.

Quando olhamos para a história do Brasil pelo feminismo anti-racista, revelamos e denunciamos que o estupro massivo das mulheres indígenas e das mulheres negras estruturou a nossa sociedade desde a colonização. A violência é um instrumento de controle e disciplina, de humilhação e subordinação, e isso também serve para a organização e exploração do trabalho. Precisamos romper esse silêncio histórico, e também o silêncio que envolve a violência cotidiana que as mulheres sofrem até hoje.

Atualmente, se fortalece um grito coletivo que quer romper com o silêncio em relação às mulheres e meninas que continuam sendo estupradas, abusadas sexualmente e sofrendo maus tratos todos os dias. Em todo o mundo, gritamos: **nem uma a menos, vivas nos queremos!**

As políticas públicas ainda têm vários limites e pontos fracos. As delegacias que lidam com a violência contra as mulheres só funcionam em horário comercial, enquanto a violência ocorre em todos os horários. E só delegacia não basta para lidar com essa violência. **A violência machista não pode ser tratada apenas como um caso de polícia.**

Cada vez que um governo sem compromisso com as mulheres fecha a Secretaria de Políticas para Mulheres, por exemplo, o combate à violência deixa de ser prioridade. Outro obstáculo é quando juízes que fazem parte do poder judiciário questionam as medidas de proteção às mulheres, e justificam a violência praticada pelos homens. Isso se dá em vários casos, mas podemos citar extremos, como o estupro de uma menina pelo seu pai, em que o juiz alegou que a menina havia provocado.

ROMPER COM O SILÊNCIO

Há uma grande dificuldade em romper com o silêncio, porque diversas vezes a violência acontece pelas mãos de pessoas muito próximas, das quais se tem afeto. O silêncio das mulheres ocorre por vergonha, humilhação, medo, a contradição entre os afetos que sentem e a violência que sofrem ou ainda o risco real de serem assassinadas. As pressões e imposições da sociedade fazem com que as mulheres sintam que falharam, como se a culpa pela situação de violência fosse delas, e não dos agressores.

As mulheres ainda são vistas como culpadas pela violência que sofrem. Ainda é comum ouvir que a mulher provocou a violência, principalmente a sexual. Ou seja, a sociedade julga permanentemente as mulheres.

O enfrentamento da violência contra as mulheres passa pela denúncia e encaminhamento dos casos de agressão. Mas é necessário ampliar a consciência crítica das mulheres e a compreensão de que as mulheres têm o direito de viver sem violência. A auto-organização das mulheres, em grupos e movimentos, tem sido um fator fundamental para que isso aconteça.

Nos últimos tempos as mulheres organizadas no movimento feminista deram vários exemplos de força coletiva e ampliação da luta no Brasil. Elas organizaram ações públicas contra o estupro coletivo praticado pelos integrantes da banda New Hit contra adolescentes. Da mesma forma, mantiveram mobilização permanente em Queimadas, na Paraíba, quando mulheres jovens foram estupradas e assassinadas como parte de uma festa organizada por vários homens. Na mesma região, agricultoras denunciam a violência como parte da disputa de território pelos latifundiários.

Hoje, o crescimento da consciência sobre o machismo faz avançar a luta pelo fim da violência e pela igualdade, liberdade e autonomia das mulheres. Isso fortalece uma alerta do movimento feminista: **a culpa da violência não é das mulheres e não há como ter mais desculpas para os homens.** O caminho é reconhecer essa relação de poder e atuar para construir a igualdade.

PARA AVANÇAR NA LUTA POR UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA

1 DESNATURALIZAR A VIOLÊNCIA

Por ser uma realidade muito presente na vida das mulheres, parece que sempre aconteceu e sempre vai ser assim. Muitos discursos e atitudes tratam a violência como natural, e escondem que a violência é um instrumento do patriarcado, relacionado com a necessidade de controle do corpo, do comportamento e do trabalho das mulheres.

2 AUTO-ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES PARA ROMPER COM O ISOLAMENTO

O isolamento das mulheres muitas vezes ocorre pela vergonha de falar sobre a violência. É também uma das principais formas que os homens violentos usam para controlar uma mulher: não deixam que ela tenha relações de amizade e companheirismo. Por isso a auto-organização das mulheres nos bairros e comunidades, escolas e universidades é tão estratégica. A partir daí se constroem redes de solidariedade. É necessário organizar espaços para ter com quem falar, contar sua história, ser ouvida e acolhida. Isso é fundamental para que as mulheres se sintam fortalecidas para tomar decisões e enfrentar a violência. Sair do isolamento e construir formas coletivas que possibilitem estar juntas, debatendo e buscando soluções coletivas é fundamental para romper a lógica da sociedade atual que empurra as pessoas para a frente da televisão.

3 PREVENIR PARA NÃO PRECISAR PUNIR

Hoje ainda prevalece a ideia de que é preciso atuar depois que a violência já aconteceu. O feminismo insiste em investir na prevenção e isso inclui ações que alterem as bases da desigualdade e que tornem a violência inaceitável na sociedade. Isso quer dizer que a violência tem que ser amplamente debatida, que desde cedo a crianças devem ser educadas a partir dos princípios da igualdade, solidariedade e autonomia. É fundamental alterar a forma como



meninos e meninas são ensinados a ser masculinos e femininos, a partir de uma ideia de que homens são violentos e fortes e mulheres são dóceis e frágeis.

4 COMBATER A VIOLÊNCIA É UM COMPROMISSO DE TODAS E TODOS

Em todos os espaços, como escola e trabalho, devem haver normas que busquem impedir a violência. Da mesma forma, é preciso superar o que chamamos de violência institucional, que se combina com o racismo institucional, e acontece por exemplo quando as mulheres negras sofrem maus tratos nas delegacias, nos serviços de saúde e mesmo no momento do parto. Nas universidades, as estudantes, funcionárias e professoras estão em luta para que sejam criados mecanismos para acabar com a violência cotidiana que é praticada nesses espaços.

5 DENÚNCIA, SOLIDARIEDADE E MOVIMENTO

As denúncias são fundamentais para mostrar que a violência existe. Nos últimos tempos, muitas mulheres reconheceram a violência que sofreram, como assédio e estupro, quando tiveram acesso aos relatos de outras mulheres que passaram pela mesma situação. As campanhas feministas na internet foram muito importantes para isso. A solidariedade entre as mulheres também é um caminho necessário para que juntas possamos enfrentar as situações de violência. Tudo isso se junta com a auto-organização das mulheres em movimento, para colocar o

assunto na rua, pressionar o Estado por políticas públicas, questionar o poder dos homens e construir alternativas.

6 NOSSA LUTA É TODO DIA

A luta pelo fim da violência não pode ser uma luta de 1 ou 16 dias. Ela faz parte da nossa luta de todos os dias, até que todas sejamos livres. Nossa luta pelo fim da violência se relaciona com a luta por autonomia econômica e pela garantia dos nossos direitos, como seguridade social, moradia, educação e saúde pública; com a nossa luta por direitos trabalhistas e pelo direito à aposentadoria; pela liberdade de viver nossa sexualidade de forma livre e de decidir sobre a maternidade, que deve ser uma escolha.

Estamos alertas e sabemos que nossa luta é cotidiana, porque nossas conquistas não são definitivas: o capitalismo patriarcal e racista reage de forma violenta a nossos avanços.

Para acabar de vez com a violência precisamos superar as desigualdades de classe, gênero e raça. As políticas públicas são importantes, mas elas sozinhas não são suficientes. Toda a sociedade tem que estar envolvida. É preciso acolher as mulheres que sofreram violência, mas isso não basta: temos que impedir que a violência aconteça com outras mulheres. Nossa luta é por um mundo com igualdade, justiça e liberdade para todas as mulheres. Por um mundo onde a violência seja inaceitável.

ESTAMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!



SECRETARIA ESPECIAL DE
POLÍTICAS PARA AS MULHERES

MINISTÉRIO DA
JUSTIÇA E CIDADANIA

